

Reflexões sobre a Experiência da Atuação por Estados ¹

Julia Marques², André Luiz Antunes Netto Carreira³.

¹ Vinculado ao projeto “Ambiente, atuação teatral e cena expandida Iberoamericana”

² Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – andre.carreira@udesc.br.

Esta pesquisa tem como foco a experimentação de procedimentos de atuação por estados dentro do Laboratório de Atuação do Grupo de Pesquisa Sobre Processos de Criação Artística (ÁHQIS). Nossa prática semanal, os espetáculos-laboratório, e as oficinas oferecidas pelo projeto de pesquisa integrado, nos proporcionam a possibilidade de exploração das diferentes formas de criar procedimentos de atuação que têm nosso próprio corpo e as sensações criadas a partir de estímulos físicos como forma de acessar os Estados em atuação. Durante a pesquisa prática há sempre algo novo para ser descoberto compreendendo o caminho que o Estado percorre no meu corpo até chegar às sensações produzidas. Existe neste processo um enlevo de descobrimento o que desperta o desejo de sempre pesquisar mais. A repetição de exercícios que compõe a experiência da Atuação por Estados, bem como a execução dos mesmos em diferentes contextos e relações. Por menor que seja, a cada repetição algo muda, dependendo do dia, da relação, da temperatura, e inclusive do público. Mas é sempre interessante descobrir pequenas variações dentro do mesmo Estado.

Os exercícios que experimentamos no laboratório nos afetam de modos diferentes, alguns de forma mais intensa, o que facilita chegar no limite máximo da sensação e outros de forma mais sutil, onde nós como atrizes reconhecemos como mais efetivo ou menos para que posteriormente possamos replicar com autonomia e compor os espetáculos a partir do que nos afeta.

Os processos de criação dos espetáculos-laboratório nos quais fiz parte aconteceram de forma coletiva, por meio das relações com as outras atrizes dentro da cena acessando os Estados que pesquisamos anteriormente, e observações vindas pelas orientações das diretoras(es). No espetáculo-laboratório “Uma Mulher que se Afoga” (2023-2024) os tensionamentos das relações entre a família que compõe o enredo é um dos elementos que mais sustenta a presença das personagens, minha personagem Andrea por exemplo, irmã mais velha irresponsável, viciada em jogos de aposta e desequilibrada, demonstrava o contraste de sua instabilidade emocional ao relacionar-se com Olga, irmã mais sóbria e severa. A cada troca que Andrea tinha com Olga esta instabilidade se acentuava ainda mais corporalmente, também descobri que os sapatos altos e com a ponta quebrada do figurino de Andrea me ajudavam a manter até o fim da peça a fragilidade da personagem que ia sendo encurralada cada vez mais pelas irmãs expondo todos seus defeitos.

No processo da experimentação do exercício do espetáculo-laboratório “Os Pequenos Burgueses”, uma prática que tem como base realizar apresentações sem ensaios prévios. Esta experiência foi algo mais difícil de compreender ou elaborar de forma prática, pois o intuito do espetáculo é não ter ensaios, nos forçava a desvincular o sentido do Estado ou formato da peça. Então não era viável

me perguntar coisas como: “Mas Marta (minha personagem) faria isso?”. Portanto, demorei um tempo para entender que não precisava de sentido justamente, dado que isso tudo iria se criar na noite de apresentação. Durante as duas primeiras noites de apresentação esse medo do desconhecido preencheu completamente minha atenção na cena, senti as palavras decoradas saindo com a mesma entonação logo depois de falar elas em voz alta, e creio que não produzi Estados por longos períodos, apenas um nervosismo. Na última sessão consegui manter um Estado do começo ao fim da peça, intensificar e diminuir, mas, um aspecto curioso dessa prática, foi que neste dia tive a sensação de estar quase fazendo uma peça ensaiada por ser a terceira repetição, portanto se apresentássemos mais uma vez eu teria de buscar estímulos para que a cada apresentação fosse sem ensaios. Mas cabe destacar que por todos os elementos diversificados desta peça, esta experiência me colocou em um lugar como atriz de plena atenção aos detalhes do meu corpo em cena, pois o público estava olhando, meus dedos atuarem de perto, meus pés, meus olhos, minha boca, a velocidade do meu coração batendo, estavam do nosso lado, perto e olhando sem parar, foi de uma maneira em que eu não esperava que seria, mas foi imensamente prazeroso descobrir como atuar em ambas experiências de espetáculo-laboratório.

Meu primeiro contato com a Atuação por Estados foi em uma direção de outros colegas deste mesmo grupo de pesquisa, onde minha personagem a princípio não tinha falas, mas ficava nua, uma escolha minha e isso me dava medo. Um medo que fazia minhas pernas tremerem, mas só eu sabia que estava com medo, ao mesmo tempo que usava a força das pernas tencionando para não me mover e a relação de ódio com a outra personagem da peça, me fez descobrir que para atuar eu não precisava usar memórias pessoais ou qualquer tipo de sentimento real que eu tenha em relação a cena. Consigo lembrar nitidamente de um ensaio em que estávamos chorando muito, devastadas com a relação entre as personagens e seus conflitos, mas quando acabou o ensaio, apenas acabou, era um Estado. Eu e Livia (a outra atriz) saímos rindo eufóricas do ensaio porque a dor que sentimos havia sido produzida. Comecei a fazer teatro com 8 anos, mas o que senti neste dia fez com que me apaixonasse de novo pela atuação, percebi a atuação como forma de produzir infinitamente.

No início deste ano o Prof. André nos perguntou “qual nosso desejo em cena?” todas as coisas que me vinham a mente eram coisas que me davam medo, coisas essas que eu pessoalmente não faria jamais, mas em cena isso vira uma potência, algo que eu ainda não produzi, que me expõe ao risco e a vulnerabilidade frente ao público que é real, compreendendo também o laboratório como um lugar de produzir experiências e descobertas como atriz.



Figura 1. *Ensaio Uma Mulher que se Afoga.*



Figura 2. *Os Pequenos Burgueses (2024).*

Palavras-chave: Atuação. Estados. Pesquisa.